Cenas Educacionais

ARTIGOS

e-ISSN: 2595-4881

CONHECE-TE A TI MESMO E CONHECERÁS O UNIVERSO E OS DEUSES: ENTRE O PSICODIAGNÓSTICO TRADICIONAL E O PSICODIAGNÓSTICO INTERVENTIVO

KNOW THYSELF AND THOU SHALT KNOW THE UNIVERSE AND THE GODS: BETWEEN TRADITIONAL AND INTERVENTIVE PSYCHODIAGNOSIS

CONÓCETE A TI MISMO Y CONOCERÁS EL UNIVERSO Y LOS DIOSES: ENTRE EL PSICODIAGNÓSTICO TRADICIONAL Y EL INTERVENTIVO

Hendril Allyson Borges [1]
Luis Guilherme Carvalho Silva [2]

Manuscrito submetido em: 31 de janeiro de 2024.
Aprovado em: 16 de outubro de 2025.
Publicado em: 09 de novembro de 2025.

Resumo
A presente composição consiste em uma análise e reflexão crítica, fundamentada na literatura, acerca de uma experiência oriunda de um estágio básico em psicodiagnóstico e técnicas psicoterápicas que, conduzido por dois alunos-estagiários, possibilitou uma transição entre o psicodiagnóstico tradicional e o psicodiagnóstico interventivo fenomenológico-existencial. A prática decorreu-se no 1° semestre de 2023, sob o âmbito da Clínica-Escola de Psicologia da Faculdade UNA – Pouso Alegre (MG). Em relação à metodologia manipulada, encaminhou-se pela fenomenologia-hermenêutica heideggeriana, a qual privilegia a perspectiva do indivíduo para a compreensão do fenômeno. Nos resultados, observou-se que os alunos-estagiários não implementaram integralmente as características do psicodiagnóstico interventivo, devido a atravessamentos institucionais. Constatou-se também que o psicodiagnóstico, os testes psicológicos e outros aparatos técnicos não se mostram, necessariamente, incongruentes com a fenomenologia existencial. Nas considerações finais, por fim, desenvolveu-se que, em virtude da ruptura com os moldes positivistas e, ademais, de uma fundamentação teórica em diálogo com a Filosofia, a fenomenologia existencial é, por vezes, acusada de incompatibilidade com determinadas práticas psicológicas, como o psicodiagnóstico.

Palavras-chave: Estágio; Psicologia; Experiência Profissional; Psicodiagnóstico; Intervenção.

Abstract
The present composition consists of an analysis and critical reflection, grounded in the literature, on an experience arising from a basic internship in psychodiagnosis and psychotherapeutic techniques which, conducted by two student interns, enabled a transition between traditional psychodiagnosis and phenomenological-existential interventive psychodiagnosis. The practice took place in the first semester of 2023, within the scope of the Psychology Teaching Clinic of UNA College – Pouso Alegre (MG). Regarding the methodology employed, it followed Heideggerian hermeneutic phenomenology, which privileges the individual's perspective for the understanding of the phenomenon. The results showed that the student interns did not fully implement the characteristics of interventive psychodiagnosis, due to institutional constraints. It was also found that psychodiagnosis,

[1] Especializando em Psicologia Clínica Fenomenológico-Existencial pelo Núcleo de Clínica Ampliada Fenomenológica Existencial. Graduado em Psicologia pela Faculdade Una de Pouso Alegre.
ORCID: https://orcid.org/0009-0007-1761-725X Contato: hendrilallyson687@gmail.com
[2] Graduado em Psicologia pela Faculdade Una de Pouso Alegre.
ORCID: http://orcid.org/0009-0002-7534-7853 Contato: luisguisilva42@gmail.com

psychological tests, and other technical apparatuses are not necessarily incongruent with existential phenomenology. In the final considerations, it was concluded that, due to the rupture with positivist frameworks and, moreover, to a theoretical foundation in dialogue with Philosophy, existential phenomenology is, at times, accused of being incompatible with certain psychological practices, such as psychodiagnosis.

Keywords: Internship; Psychology; Professional Experience; Psychodiagnosis; Intervention.

Resumen
La presente composición consiste en un análisis y reflexión crítica, fundamentada en la literatura, acerca de una experiencia originada en una pasantía básica en psicodiagnóstico y técnicas psicoterapéuticas que, conducida por dos estudiantes en prácticas, posibilitó una transición entre el psicodiagnóstico tradicional y el psicodiagnóstico interventivo fenomenológico-existencial. La práctica se desarrolló en el primer semestre de 2023, en el ámbito de la Clínica-Escola de Psicología de la Facultad UNA – Pouso Alegre (MG). En cuanto a la metodología utilizada, se orientó por la fenomenología-hermenéutica heideggeriana, la cual privilegia la perspectiva del individuo para la comprensión del fenómeno. En los resultados, se observó que los estudiantes en prácticas no implementaron plenamente las características del psicodiagnóstico interventivo, debido a atravesamientos institucionales. Se constató también que el psicodiagnóstico, las pruebas psicológicas y otros dispositivos técnicos no se muestran, necesariamente, incongruentes con la fenomenología existencial. En las consideraciones finales, por último, se desarrolló que, en virtud de la ruptura con los moldes positivistas y, además, de una fundamentación teórica en diálogo con la Filosofía, la fenomenología existencial es, en ocasiones, acusada de incompatibilidad con determinadas prácticas psicológicas, como el psicodiagnóstico.

Palabras clave: Prácticas; Psicología; Experiencia Profesional; Psicodiagnóstico; Intervención.

Introdução

O psicodiagnóstico, como prática psicológica, estruturou-se em paralelo à história da Psicologia, fundamentando-se em múltiplos referenciais teóricos que buscavam conhecer e compreender o ser humano (Ancona-Lopez, 1995). Sob influência das concepções médica, psicométrica, behaviorista (Ancona-Lopez, 1984) e positivista (Barbieri, 2008, 2010), o psicodiagnóstico tradicional, como mencionam Bandeira, Trentini e Krug (2016), adentrou a contemporaneidade como um processo que, delimitado no tempo, manipula técnicas e/ou testes psicológicos com o intuito de avaliar um ou mais aspectos do funcionamento psíquico, com vistas ao diagnóstico (descritivo e/ou dinâmico), resultando em uma ou mais indicações e encaminhamentos.

Nessa modalidade de prática psicológica, intenciona-se a explicação do sofrimento psicológico e, em seguida, a efetivação do encaminhamento para o serviço mais adequado (Evangelista, 2016). Segundo Yehia (2004), essa abordagem estabelece uma fragmentação

inflexível entre a etapa diagnóstica (centrada na investigação) e o momento de devolução e compreensão das informações obtidas. Esse método impossibilita a cooperação do paciente, uma vez que as informações apresentadas na devolução se referem a eventos longínquos.

Siqueira (2011) salienta que, ao posicionar o paciente como um simples informante, o psicodiagnóstico tradicional não se compromete com um acolhimento minucioso, tampouco com a ampliação da compreensão da experiência comunicada em sessão. Frequentemente, o escopo desse modelo resume-se a diagnosticar, enquadrando em modelos ou categorias as idiossincrasias, impasses e dificuldades do paciente. Nesse cenário, Ancona-Lopez (1984) observa que muitos indivíduos que se apresentam a esse serviço, em instituições e/ou clínicas-escola, não se atentam à nomenclatura da prática psicológica; o que lhes importa é alcançar um meio para lidar com o seu sofrimento. Porém, o psicólogo que adota o psicodiagnóstico tradicional, com frequência, desconsidera o pedido por amparo, postergando a intervenção e, com isso, empobrecendo um encontro abundante em possibilidades. Diante dessa postura, muitos pacientes desistem do processo (Santos, 2009), desiludindo-se por não encontrarem uma prática que se proponha, de fato, a intervir (Siqueira, 2011).

De maneira a superar essas limitações, desabrocha o psicodiagnóstico interventivo, com Ancona-Lopez (1995) como uma das representantes, no Brasil, sob a perspectiva fenomenológico-existencial. Essa abordagem, transmutando o atendimento num processo ativo e cooperativo, contribui para movimentar o psicodiagnóstico do âmbito meramente investigativo para um campo também interventivo. Posto isto, as temáticas levantadas pelo paciente são, ao mesmo tempo, investigadas e trabalhadas com a finalidade de construir, em conjunto, possíveis modos de compreendê-las (Donatelli, 2005). Há um caráter terapêutico, sem a supressão das propriedades oriundas do psicodiagnóstico tradicional. As técnicas e os instrumentos manipulados desdobram-se em reformulações, possibilitando aos psicólogos uma atuação congruente (Borges, 2016). Nas palavras de Guimarães e Fantini (2014, p.78):

> [...] o psicodiagnóstico é encarado como um momento privilegiado para a obtenção de efeitos terapêuticos, ou seja, não se encerra na coleta de dados que vão ajudar o profissional a discernir sobre o encaminhamento e orientar o futuro processo psicoterápico.

Na modalidade interventiva de psicodiagnóstico, as intervenções se caracterizam por devolutivas sobre o mundo interno do paciente, ao longo do processo. Segundo Donatelli (2005, p.26): "São assinalamentos, pontuações, clarificações que, permitem ao cliente, buscar

e-ISSN: 2595-4881

novos significados para suas experiências, apropriar-se de algo sobre si mesmo e ressignificar suas experiências anteriores". Augras (2013) evoca que o psicólogo, ao realizar as devolutivas nesse modelo, precisa avaliar as significações das vivências, compreendendo aspectos históricos e temporais, a relação espaço-corpo, bem como o vínculo com o outro em seu projeto existencial.

Ademais, no psicodiagnóstico interventivo, desloca-se o paciente da posição de mero fornecedor de informações, reconhecendo-o como um colaborador ativo no processo, o que possibilita que significações e sentidos se constituam na relação. Por meio da conversação, torna-se possível uma fusão entre os horizontes compreensivos do psicólogo e do paciente, desocultando novas possibilidades compreensivas em relação ao fenômeno em elucidação (Silva; Leite; Barreto, 2015). Assim, o psicodiagnóstico, sob uma perspectiva fenomenológico-existencial, transforma-se em uma "[...] prática colaborativa, contextual e intervencionista" (Ancona-Lopez, 1995, p.87). Em outras palavras, em "uma situação de cooperação em que a capacidade de ambas as partes de observarem, apreenderem, compreenderem constitui a base indispensável para o trabalho" (Yehia, 1995, p.120).

Essa forma de conduzir o processo requer que o psicólogo transfigure sua postura, de forma a renunciar à posição de conhecedor, a fim de convidar o paciente para a participação no processo, com o intuito de caminharem em conjunto e colaborarem (Evangelista, 2016). Nessa parceria, não há uma relação verticalizada, uma vez que o psicólogo não se posiciona como um detentor do saber; ao contrário, estabelece uma comunicação horizontal com o paciente no sentido de construírem, conjuntamente, possíveis maneiras de compreensão sobre o problema vivido (Donatelli, 2005).

Tendo em vista essas considerações, a presente composição se refere a uma análise crítica, fundamentada na literatura, sobre uma experiência resultante de um estágio básico em psicodiagnóstico e técnicas psicoterápicas que, vivenciada por dois alunos-estagiários (AE's), demonstra uma articulação entre o psicodiagnóstico tradicional e o psicodiagnóstico interventivo fenomenológico-existencial. Aduz-se que a referida prática sucedeu entre maio e junho de 2023, sob os domínios da Clínica-Escola de Psicologia da Faculdade UNA – Pouso Alegre (MG).

Métodos

O presente trabalho originou-se de um estágio básico em psicodiagnóstico e técnicas psicoterápicas, realizado semanalmente, com um total de doze encontros provenientes de um único caso, entre maio e junho de 2023. Os atendimentos ocorreram no turno vespertino, especificamente às 15h, compreendendo um período de 1h de duração. Explicita-se que foram executadas duas sessões semanais, às segundas e quintas-feiras. Ademais, os atendimentos foram conduzidos por dois AE's do 8° período do curso de Psicologia, no âmbito da Clínica-Escola de Psicologia da Faculdade UNA – Pouso Alegre (MG).

Em relação à metodologia aplicada, enveredou-se pela fenomenologia hermenêutica heideggeriana que, como evidencia Critelli (2006), compreende o sujeito em uma disposição de indissociabilidade com o mundo, sendo ele, ao mesmo tempo, instituidor e receptor de sentido. A existência, nesse horizonte, é compreendida como uma tessitura significativa que constitui a própria condição de ser. Dessa forma, as realidades são concebidas a partir das experiências pessoais. Este referencial orientou os AE's a se posicionarem não como simples observadores dos fenômenos, mas como agentes na produção de significações e sentidos quanto às vicissitudes perpetuadas naquele contexto (Heidegger, 2005).

Resultados e Discussão

No principiar da avaliação psicológica, titubeantemente, os AE's depararam-se com o intitulado psicodiagnóstico tradicional, caracterizado como uma prática psicológica que, ao utilizar-se de recursos "(técnicas diretivas ou não diretivas; testes psicológicos, observações livres, entrevistas, questionários...)" (Persicano, 2000, p.90), tenciona a realização de um diagnóstico psicológico (Evangelista, 2016). Nessa conjunção, forjados sob uma perspectiva fenomenológico-existencial, os AE's incorreram em múltiplas interrogações, a saber: "Como compreender os testes psicológicos sob a concepção fenomenológico-existencial? Os testes psicológicos revelam-se incompatíveis? Se há uma resistência quanto ao psicodiagnóstico, a fenomenologia existencial decorre em uma perda?". Em uma breve revisão de literatura, os AE's identificaram distintas acepções sobre o tema (Almeida, 2003; Biseli, 2013; Evangelista, 2016; Siqueira, 2011; Yehia, 2009), o que os impulsionou a novos questionamentos: "Como

e-ISSN: 2595-4881

transcender aos aparatos técnicos que, ao sustentar um caráter normativo, se desencobrem antagonicamente às reflexões de Heidegger (2007) em relação ao ser e a técnica moderna? Como permanece o laudo psicológico?". Os AE's suspendem, por ora, os questionamentos.

Em presença do primeiro atendimento a uma paciente de 31 anos, com demanda relacionada à ansiedade e baixa autoestima, os AE's conjecturaram que, posteriormente à entrevista inicial, o encaminhamento assenhoraria de direcionamentos à psicoterapia, na conclusão do psicodiagnóstico. A paciente deslocou-se em procura ao atendimento, na ausência de um encaminhamento formal, com uma intenção antagônica àquela de avaliar seus construtos psicológicos. Seu desejo se configurava por encontrar um espaço de escuta e acolhimento, isto é, de significação e ressignificação por meio da tematização das palavras.

Assim, ao aprofundarem-se nos conhecimentos sobre psicodiagnóstico em contextos de ansiedade, os AE's defrontaram-se com a proposta do psicodiagnóstico interventivo. Essa modalidade, segundo Evangelista (2016), distingue-se do modelo tradicional, ao despossar-se de uma prática limitada à coleta de dados, direcionando, por sua vez, para uma compreensão do paciente, de forma colaborativa. O psicodiagnóstico interventivo, portanto, utiliza-se dos encontros clínicos como oportunidades de intervenção na dinâmica que se desencobre no processo, colaborando para o esclarecimento e a superação do sofrimento que motivou a procura por amparo.

Posto isto, os AE's optaram por, após a aplicação de um teste psicológico em uma das sessões, intervir na dinâmica apresentada, manipulando o instrumento como recurso para favorecer a compreensão da problemática relatada pela paciente e, por conseguinte, abrir novas possibilidades de sentido. Rememora-se o terceiro encontro que, decorrendo com o manuseio da BFP-2[3], os AE's retomaram as respostas oferecidas pela paciente aos itens do teste, ao final do manejo, tencionando o aprofundamento de seu modo-de-ser e estar-no-mundo. Ressalta-se que o vocábulo intervenção provém do latim *intervenire*, significando, entre outros sentidos, a prática de meter-se de permeio, estar presente, assistir, entremear bons ofícios (Biselli, 2013). Pode-se, assim, assentar a intervenção como a manifestação de uma disposição clínica, por parte dos AE's, que desenvolve conjunções para um processo de assenhoramento, por parte da paciente, possibilitando novas (res)significações em torno da demanda desocultada (Ancona-Lopez, 1995).

[3] Bateria Fatorial de Personalidade.

e-ISSN: 2595-4881

Salienta-se que os AE's não renunciaram, de maneira absoluta, ao psicodiagnóstico tradicional, visto que se encontravam circunscritos a limitações institucionais. A prática de psicodiagnóstico interventivo entende distintamente os testes psicológicos, ausentando-se de realizar classificações (Donatelli, 2014) – o que se mostra, contudo, inconciliável com a facticidade[4] vivenciada pelos AE's. Nessa abordagem, os testes não se apresentam mais como recursos destinados a confirmar e aprofundar percepções do profissional sobre o paciente, com vistas à produção de segurança no diagnóstico e no encaminhamento. Em contraste, compreende os testes como ferramentas que podem ser manipulados, quando necessário, para auxiliar tanto o paciente quanto o profissional a ampliarem sua compreensão sobre as experiências daquele, sem a exigência de um fechamento diagnóstico (Siqueira, 2011). Nesse contexto, os AE's questionam: "Será o diagnóstico uma problemática para a fenomenologia existencial?". Outrossim, o psicodiagnóstico interventivo propõe, conforme Donatelli (2014), o desdobramento de devolutivas constantes ao longo do processo, característica à qual os AE's, entretanto, renunciaram.

Em vista dessas considerações, apercebe-se que, de modo explícito, os testes não se mostram antagônicos à fenomenologia existencial, assim como não há uma rejeição destes por parte da abordagem. Yehia (2009) aponta que a recusa aos testes psicométricos, como fazem alguns psicólogos de orientação psicanalítica e humanista, aparenta ser uma postura intransigente. A abdicação de aparatos disponíveis ao psicólogo pode ocasionar a supressão de possibilidades de interação com o paciente em situações específicas propostas pelo teste. Esses testes, outrossim, podem reproduzir algumas experiências vivenciadas pelo paciente em seu dia a dia. Diante disso, o psicólogo aproveita-se das situações propiciadas pelo teste, considerando-as metáforas de experiências cotidianas do paciente e, assim, intervém a partir do modo que este se relaciona com os estímulos. Os resultados numéricos portam-se como uma referência para a classificação do desempenho em relação ao esperado para a idade do paciente. É oportuno destacar que os testes projetivos também se revelam congruentes com a fenomenologia existencial, bem como observado em Cipullo e Azevedo (2018).

Além disso, ao tratar sobre a técnica, Heidegger (2007) não tenciona uma oposição, mas um apontamento da ausência de reflexão crítica a seu respeito e sobre seu manuseio (Silva; Barreto, 2015). A crítica não questiona a veracidade da técnica, mas o modo como o

[4] É um conceito da filosofia existencial que se refere às condições concretas, dadas e inevitáveis da existência humana, como o corpo, a história, a cultura e as circunstâncias nas quais o sujeito se encontra lançado no mundo.

e-ISSN: 2595-4881

homem se relaciona com ela. A técnica moderna, conforme Heidegger (2007), apresenta-se como determinante do modo de pensar, agir e conduzir-se do ser humano, impulsionando-o a relacionar-se com os demais entes por meio da instrumentalidade, isto é, vislumbrando-os como matérias-primas plausíveis de dominação e manipulação. Heidegger (2000), nessa linha, ao observar a subjugação do ser humano à técnica, preconiza a serenidade que, consistindo em um aguardar, ou seja, um pensamento meditativo, possibilita a enunciação simultânea de um "sim" e de um "não" à técnica moderna, instituindo uma relação mais livre com ela e, assim, suspendendo respostas definitivas. Segundo Heidegger (2000, p.24):

> Podemos utilizar objetos técnicos e, no entanto, ao utilizá-los normalmente, permanecer ao mesmo tempo livres deles, de tal modo que os possamos a qualquer tempo largar. Podemos utilizar objetos técnicos tal como eles têm de ser utilizados. Mas, podemos, simultaneamente, deixar esses objetos repousar em si mesmos como algo que não interessa àquilo que temos de mais íntimo e próprio. Podemos dizer "sim" à utilização inevitável dos objetos técnicos e podemos ao mesmo tempo dizer "não", impedindo que nos absorva e, desse modo, verguem, confundam e, por fim, esgotem a nossa natureza (*Wesen*).

Dessa maneira, tanto os testes psicológicos quanto o laudo e o diagnóstico podem apresentar-se como instrumentos potentes para a fenomenologia existencial. Essa posição encontra respaldo em uma situação clínica descrita por Feijoo (2017) que, ao responder "sim" e "não" aos aparatos técnicos, isto é, aos testes, ao laudo e ao diagnóstico, reposiciona-os em novos pilares, retirando-os da acepção estritamente técnico-científica. Aliás, a condenação veemente dos recursos técnicos, como memora Silva (2019), configura-se também como um modo de aprisionamento perante o horizonte da técnica moderna. Nessa perspectiva, o psicodiagnóstico interventivo, ao tentar libertar-se do imperativo da técnica moderna por meio da recusa ao diagnóstico, recai em uma nova forma de enclausuramento, limitando-se ao resguardar uma oposição impetuosa.

Os AE's captaram também que a intersecção entre avaliação e intervenção se revelou notadamente frutífera, alinhando-se ao aforismo grego "*Conhece-te a ti mesmo e conhecerás o universo e os deuses, porque se o que procuras não achares primeiro dentro de ti mesmo, não acharás em lugar algum*", esculpido na entrada do Templo de Delfos. Compreende-se, aqui, a expressão "dentro de ti mesmo" como alinhada ao conceito de ser-no-mundo, isto é, como uma condição fundamental da existência humana: estar sempre já imerso em um contexto de relações, significados e possibilidades, sem uma separação ontológica entre "eu" e "mundo". Trata-se, portanto, da recusa à ideia de uma subjetividade encapsulada, material, localizada

e-ISSN: 2595-4881

em um espaço interno acessado por uma consciência. Sartre (1994, p.43) ilustra essa posição em sua colocação: "[...] o Ego não está nem formal nem materialmente na consciência: está fora, no mundo; é um ser do mundo [...]", em constante relação com a realidade. Acrescenta: "[...] no fim das contas tudo está fora, tudo, até nós próprios: fora, no mundo, entre os outros. Não é em nenhum refúgio que nos descobriremos: é na rua, na cidade, no meio da multidão, coisas entre coisas, homens entre homens" (Sartre, 1968, p.31). Em outros termos, na relação concreta com o mundo.

Para Heidegger (2005), não há um ser que se situe exterior ao horizonte de mundo no qual o ser humano está lançado. Além disso, "conhecer o universo e os deuses" apenas se mostra possível se, de antemão, o homem se abrir para o seu próprio ser, redescobrindo-se como a clareira a partir da qual o sentido do mundo emerge. A clareira (*Lichtung*) não é um "mundo interno" subjetivo, mas a abertura originária do existir humano, na qual o ser e o mundo se desencobrem e adquirem sentido. Somente mediante uma apropriação de si, em um enfrentamento genuinamente existencial, o ser humano pode se relacionar propriamente com o mundo, experienciando-o como um universo significativo, em oposição a um simples conjunto de coisas ou de mitos vazios. Heidegger (2005) aponta que a humanidade moderna se esqueceu do ser, vivendo de modo superficial e alienado. Nesse sentido, a expressão indica que, sem esse conhecimento existencial profundo ("conhece-te a ti mesmo"), não se alcança o verdadeiro sentido do mundo ("conhecerás o universo e os deuses"), porque a totalidade permanece encoberta ou perdida em interpretações superficiais ou ilusórias. Em consonância com essa perspectiva, os AE's, por meio do psicodiagnóstico interventivo, procuraram não somente intervir, mas favorecer, na paciente, uma rememoração do ser, impulsionando-a a reconhecer-se como clareira a partir da qual seu mundo se ilumina.

Isto posto, aspirando a uma aproximação da tessitura existencial da paciente, os AE's percorreram, juntamente com ela, um caminho de investigação das questões fundamentais de sua existência, num movimento que remete à maiêutica socrática. Segundo Rudio (1998), a maiêutica, uma importante aliada da fenomenologia existencial, advém do vocábulo grego *maieutiké*, referindo-se à arte do parto, ou dar à luz. Na maiêutica, em um diálogo, o mestre mais questiona do que responde, promovendo uma ponderação ativa e abertura para novas possibilidades. O método socrático, nesse sentido, procura favorecer a emergência de uma verdade própria ao indivíduo, de maneira que, por meio de um saber autêntico, ocorra uma transformação no outro (Cipullo; Azevedo, 2018).

Os AE's constataram que, por fim, a intervenção permitiu que a paciente reelaborasse determinados significados e sentidos, afastando-a do falatório que, advindo do impessoal, a limitava a compreensões cotidianas do mundo. Antes, ao assimilar verdades impessoais como se fossem singulares, a paciente desapossava-se de si mesma, prescindindo de suas próprias referências e afundando-se nas sombras do "a gente". No psicodiagnóstico interventivo, no entanto, enveredou-se no sentido da impressão de suas próprias significações.

Considerações Finais

Ao romper com posições tradicionais relacionadas à cientificidade, aos instrumentos técnicos, ao conhecimento pré-estabelecido, à verdade e a outros elementos convergentes, bem como ao articular-se a um referencial teórico vinculado ao campo filosófico, a abordagem fenomenológico-existencial apresenta-se, em um primeiro momento, como enigmática, de modo a ocasionar estranhamento e dificuldades de compreensão. Em vista disso, verifica-se, com frequência, uma interpretação equivocada por parte daqueles que estabelecem contato preliminar ou que possuem apenas um conhecimento superficial a respeito dessa perspectiva, atribuindo-lhe caráter arcaico e limitado, como se não fosse compatível com distintas práticas psicológicas, a exemplo do psicodiagnóstico.

Não obstante, constata-se que o referencial teórico da fenomenologia existencial não recusa uma aproximação com o psicodiagnóstico; ao contrário, assimila-o e o aperfeiçoa. Ao abdicar dos moldes científicos, essa perspectiva reposiciona o psicodiagnóstico sobre outros pilares, metamorfoseando-o em uma prática interventiva, cooperativa e contextual. Assim, não apenas acompanha o *Zeitgeist*[5] disseminado na sociedade, mas também o transcende, contribuindo de modo significativo para a prática psicológica.

Referências

ALMEIDA, N. D. V. Aspectos fenomenológicos do psicodiagnóstico. **PSIC: Revista de Psicologia da Vetor Editora**, v.4, n.1, p.94-98, 2003. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psic/v4n1/v4n1a10.pdf

[5] É um termo de origem alemã que significa, literalmente, "espírito do tempo" (*Zeit* = tempo; *Geist* = espírito). Remete ao clima intelectual, sociológico e cultural de uma determinada época.

ANCONA-LOPEZ, M. Contexto geral do diagnóstico psicológico. *In*: TRINCA, W. (Org.). **Diagnóstico psicológico:** a prática clínica. São Paulo: EPU – GRUPO GEN, 1984. p.1-13.

ANCONA-LOPEZ, M. (Org.). **Psicodiagnóstico:** Processo de intervenção. São Paulo: Cortez, 1995.

AUGRAS, M. **O ser da compreensão:** Fenomenologia da situação de psicodiagnóstico. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

BANDEIRA, D. R.; TRENTINI, C. M.; KRUG, J. S. Psicodiagnóstico: formação, cuidados éticos, avaliação de demanda e estabelecimento de objetivos. *In*: HUTZ, C. S.; BANDEIRA, D. R.; TRENTINI, C. M.; KRUG, J. S. (Orgs.). **Psicodiagnóstico**. Porto Alegre: Artmed, 2016. p.21-26.

BARBIERI, V. Por uma ciência-profissão: o psicodiagnóstico interventivo como método de investigação científica. **Psicologia em Estudo**, v.13, n.3, p.575-584, 2008. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pe/a/GWWNXvfLGfhWYn43Qn4zXRh/?format=pdf&lang=pt.

BARBIERI, V. Psicodiagnóstico tradicional e interventivo: confronto de paradigmas? **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v.26, n.3, p.505-513, 2010. DOI: https://doi.org/10.1590/S0102-37722010000300013

BISELLI, A. C. T. **Grupo de pais no psicodiagnóstico colaborativo:** uma compreensão fenomenológica existencial. 2013. 86 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2013.

BORGES, S. L. P. Repensando a queixa escolar no psicodiagnóstico interventivo. **Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo**, p.1-16, 2016. Disponível em: https://sites.usp.br/orientacaoaqueixaescolar/wp-content/uploads/sites/462/Trabalhos_Finais/medicaliza%C3%A7%C3%A3o/TF-Susana-Lange-Borges.pdf

CIPULLO, M. A. T.; AZEVEDO, D. C. A perspectiva fenomenológico-existencial na compreensão das técnicas projetivas no psicodiagnóstico infantil. **Psicologia em Revista**, v.24, n.1, p.139-157, 2018. DOI: https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2018v24n1p139-157

CRITELLI, D. M. **Analítica do sentido:** uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica. São Paulo: Brasiliense, 2006.

DONATELLI, M. F. **A compreensão da religiosidade do cliente no psicodiagnóstico interventivo fenomenológico existencial**. 2005. 272 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: https://tede2.pucsp.br/handle/handle/15397

DONATELLI, M. F. Psicodiagnóstico interventivo fenomenológico-existencial. *In*: ANCONA-LOPEZ, S. (Org.). **Psicodiagnóstico interventivo:** evolução de uma prática. São Paulo: Cortez, 2014. p.45-64.

EVANGELISTA, P. O psicodiagnóstico interventivo fenomenológico-existencial grupal como possibilidade de ação clínica do psicólogo. **Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies**, v.22, n 2, p.219-224, 2016. Disponível em: https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=357748351014

FEIJOO, A. M. L. C. Uma ou quatro crianças em um consultório de psicologia: José e, também, Menino Maluquinho, João Sem Medo e Bentinho? *In*: FEIJOO, A. M. L. C.; FEIJOO, E. L. (Orgs.). **Situações Clínicas 2:** Infantil. Rio de Janeiro: IFEN, 2017. p.17-50.

GUIMARÃES, G.; FANTINI, M. N. A. Movimentos transferenciais no psicodiagnóstico interventivo. *In*: ANCONA-LOPEZ, S. (Org.). **Psicodiagnóstico interventivo:** evolução de uma prática. São Paulo: Cortez, 2014. p.77-89.

HEIDEGGER, M. A questão da técnica. **Scientiæ studia**, v.5, n.3, p.375-398, 2007. DOI: https://doi.org/10.1590/S1678-31662007000300006

HEIDEGGER, M. **Serenidade**. Lisboa: Instituto Piaget, 2000.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 2005.

PERSICANO, M. L. S. Reflexões sobre a importância do psicodiagnóstico na atualidade. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v.3, n.2, p.88-97, 2000. DOI: https://doi.org/10.1590/1415-47142000002006

RUDIO, F. V. **Diálogo maiêutico e psicoterapia existencial**. São José dos Campos: Novos Horizontes, 1998.

SANTOS, G. R. S. **O processo psicodiagnóstico em unidades básicas de saúde**. 2009. 157 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

SARTRE, J-P. **A transcendência do ego**. Lisboa: Edições Colibri, 1994.

SARTRE, J-P. Uma ideia fundamental na fenomenologia de Husserl: a intencionalidade. *In*: SARTRE, J-P. (Org.). **Situações I**. Lisboa: Europa-América, 1968. p.28-31.

SILVA, E. F. G.; BARRETO, C. L. B. T. Uma compreensão do contemporâneo a partir do diálogo com o pensamento de Martin Heidegger. **Griot: Revista de Filosofia**, v.11, n.1, p.289-299, 2015. DOI: https://doi.org/10.31977/grirfi.v11i1.628

SILVA, E. F. G.; LEITE, D. F. C. C. S.; BARRETO, C. L. B. T. A ação clínica e a era da técnica moderna: uma compreensão fenomenológica existencial da prática psicológica. **Perspectivas em Psicologia**, v.19, n.1, p.79- 92, 2015. Disponível em: https://seer.ufu.br/index.php/perspectivasempsicologia/article/view/30361

SILVA, V. P. **Medindo Almas:** uma análise fenomenológico-hermenêutica sobre o uso dos testes psicológicos no Brasil. 2019. 104 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: http://www.bdtd.uerj.br/handle/1/15229

SIQUEIRA, D. F. C. C. **Psicodiagnóstico Interventivo/Colaborativo:** uma prática psicológica na perspectiva Fenomenológica Existencial. 2011. 97 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2011. Disponível em: http://tede2.unicap.br:8080/handle/tede/145

YEHIA, G. Y. Entre psicodiagnóstico e aconselhamento psicológico. *In*: MORATO, H. T. P.; BARRETO, C. L. B. T.; NUNES, A. P. (Coords.). **Aconselhamento psicológico numa perspectiva fenomenológica existencial:** uma introdução. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009. p.65-73.

YEHIA, G. Y. Interlocuções entre o plantão psicológico e o psicodiagnóstico colaborativo. **Estudos de Psicologia**, v.21, n.1, p.65-72, 2004. DOI: https://doi.org/10.1590/S0103-166X2004000100006

YEHIA, G. Y. Reformulação do papel do psicólogo no psicodiagnóstico fenomenológico-existencial e sua repercussão sobre os pais. *In*: ANCONA-LOPES, M. (Org.). **Psicodiagnóstico:** Processo de Intervenção. São Paulo: Cortez, 1995. p.115-134.